

OBJETO NULO *VERSUS* ESTRATÉGIAS PRONOMINAIS NO PORTUGUÊS RURAL DO ESTADO DA BAHIA E NO DE PORTUGAL^{1*}

Cristina Figueiredo
Universidade Federal da Bahia
macrisfig@uol.com.br

RESUMO:

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa sociolinguística sobre três estratégias de retomada de um DP na posição de objeto direto: o objeto nulo (ON), o clítico acusativo (CL) e o pronome forte (PF), em duas variedades faladas do português rural, o do estado da Bahia (PRB) e o de Portugal (PRE). Realizou-se uma comparação entre o PRB e o PRE, buscando verificar se as mesmas estratégias de retomada de um DP com a função de objeto direto estão presentes na fala dos indivíduos dessas duas variedades do português. Verificou-se que: o ON, elipse de DP, está presente tanto no PRB quanto no PRE, inclusive em contexto de ilhas adverbiais; o CL ocorre apenas no PRE; e, o PF, apenas no PRB.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística, Objeto nulo, Clítico acusativo, Pronome forte, Português rural.

ABSTRACT:

This paper presents the results of a sociolinguistic research on three strategies for resuming a DP in a direct object position: the null object (NO), the accusative clitic (CL) and the strong pronoun (SP) in two spoken varieties of rural Portuguese, one from the state of Bahia (RPB) and one from Portugal (RPE). A comparison between the RPB and the RPE was carried out in order to verify if the same resuming strategies of a DP with the function of direct object are present in the speech of individuals of these two

1 *Versão ampliada do artigo “*Objeto nulo versus estratégias pronominais no português rural do estado da Bahia e no de Portugal*” publicado nos anais IV SIMELP na Universidade Federal de Goiás, 07/2013 .

varieties of Portuguese. It was found that: the NO, ellipsis of DP, is present both in the PRB and PRE, even in the context of adverbial islands; the CL occurs only in the RPE; and, the SP, only in the RPB.

KEYWORDS: Sociolinguistics, null object, clitic accusative, strong pronoun, rural Portuguese.

Introdução

No Brasil, as décadas de 80 e 90 foram marcadas por trabalhos que pretendiam demonstrar as diferenças que distinguem o PB do PE. Mais precisamente, foi Fernando Tarallo, que na perspectiva da variação paramétrica, desencadeou a realização de uma série de trabalhos que trataram de verificar as características que parametrizavam essas duas variedades do português. Analisaram-se diversos aspectos da sintaxe do português: a reorganização do sistema pronominal (TARALO, 1983, 1985), a mudança nas estratégias de relativização (TARALO, 1983, 1985), a reorganização dos padrões sentenciais (BERLINK, 1988, 1989), o enrijecimento da ordem VO, garantindo estruturalmente o caso acusativo aos DPs na função de objeto direto (RAMOS, 1989, 1991), perda do parâmetro *prodrop* no PB (DUARTE, 1993), entre outros.

Neste trabalho, a proposta também é realizar uma comparação entre o PB e o PE, mais precisamente entre suas variedades rurais, no que se refere à retomada, na posição de objeto direto, de um DP já mencionado, como no exemplo em (1). Buscou-se verificar as estratégias disponíveis para cada uma dessas variedades, bem como os contextos que favorecem a escolha da variante realizada. A retomada de um DP na posição de objeto direto pode se dar através de quatro estratégias.

1.

a. **Clítico acusativo (CL)**

Lídia trouxe deliciosos pasteizinhos_i, mas não *os*_i comi.

b. **Objeto nulo (ON)**

Lídia trouxe deliciosos pasteizinhos_i, mas não comi _____i.

c. **Repetição do mesmo DP ou DP anafórico DP (DP)**

Lídia trouxe deliciosos pasteizinhos_i, mas não comi *essas delícias*_i.

d. **Pronome forte (PF)**

Lídia trouxe deliciosos pasteizinhos_i, mas eu não comi *eles*_i.

De acordo com os trabalhos que buscaram estabelecer as diferenças entre o PB e o PE, no que diz respeito às estratégias de retomada do objeto direto, estão disponíveis para o PE, além da realização de um DP, apenas duas das estratégias acima mencionadas, o CL e o ON (cf. RAPOSO, 1986, 2004, KATO; RAPOSO, 2005, CYRINO, 2005). Segundo os autores, a diferença reside no contexto linguístico que licencia essas estratégias: no PE, ON não é possível em contexto de ilha sintática (RAPOSO, 1986), enquanto, no PB, ocorre livremente nesse contexto. Para o PB, além dessas três estratégias, o PF (*ele/a*) também está disponível para realizar a operação de retomada significativa (OMENA, 1978; DUARTE, 1986; FIGUEIREDO, 2004, 2009).

A comparação que se realiza neste trabalho busca descrever os contextos que licenciam as diversas possibilidades de retomada no português rural da Bahia (PRB) e no português rural de Portugal (PRE) a partir de uma análise quantitativa dos dados de acordo com a abordagem de Labov (1972).

O desenvolvimento deste trabalho está assim organizado: na primeira seção, são apresentadas as características do objeto direto, em seguida, na seção 2, descrevem-se as estratégias de retomada: CL, PF, ON e DP. Na seção 3, apresenta-se a metodologia utilizada na realização da pesquisa: pressupostos teóricos, *corpora* utilizado e, por fim, na seção 4, é realizada a análise dos dados: inicialmente, é apresentada a análise do PRB e, em seguida, a do PRE, estabelecendo uma comparação com os dados do PRB.

1. Caracterizando o objeto direto

Para discutir as peculiaridades das duas variedades do português quanto à retomada do objeto direto, achou-se pertinente elencar as propriedades sintáticas do objeto direto.

O objeto direto (OD) é um argumento exigido por um elemento predicator, o verbo, que, segundo Duarte (2003, p. 183), possui lugar(es) vazio(s), tendo, portanto, seu significado completado quando essa(s) lacuna(s) é/são preenchida(s) - posições argumentais. Podem ser predicadores, além dos verbos, os substantivos, os adjetivos e até os advérbios. Porém, são os verbos os predicadores por excelência². Em sua grade argumental, o predicator verbal pode selecionar argumentos internos e argumento externo.

O objeto direto é o argumento interno do verbo, com o qual mantém uma relação de adjacência, e é selecionado por um verbo que exige como argumento

2 Cf. Duarte e Brito (2002:183)

um DP que possui o papel semântico de tema/paciente. De acordo com a teoria gerativa, todos os DP devem ter caso para que possam ser interpretados. Dessa forma, o DP com função de OD deve receber caso acusativo. O caso, entre as línguas, pode ser marcado morfológicamente, quando a língua dispõe de um sistema morfológico de caso, como o latim e, ainda hoje, o alemão; ou pode ter uma marcação abstrata de caso, ou seja, não apresentar elementos morfológicos que o explicitem.

No português, não há um sistema visível de marcação de caso, exceto no paradigma pronominal. No PB, a distinção de caso no sistema pronominal é uma imposição da tradição gramatical, refletindo-se mais rigorosamente na escrita, enquanto no vernáculo, essa distinção se atenua sensivelmente.

Em línguas que perdem a marcação morfológica de caso, outro sistema deve existir para que o caso dos DP seja interpretado. Uma forma de garantir o caso dos DP é o enrijecimento da ordem VO, em que o caso é marcado estruturalmente. Esse comportamento leva a distinção casual, observada no paradigma pronominal, ser desfeita, como ocorre em algumas línguas crioulas, em que o mesmo pronome pode exercer a função de sujeito (caso nominativo) e de complemento (caso acusativo ou dativo). Em (2) a seguir, o mesmo pronome, *ou*, recebe caso nominativo na posição de sujeito e caso dativo como argumento interno de um verbo de dois lugares internos.

2.

Kan **ou** jwe ak-ti-chen, la ba **ou** pis.
 quando **2ps** brinca com-pequeno-cachorro, 3sg dar **2ps** parasita
 Quando você brinca com um cachorrinho ele lhe transmite parasita.
 (MUYSKEN E VEENSTRA, 1994:153)

Em suma, o objeto direto possui as seguintes peculiaridades: é argumento interno do verbo, que o seleciona semanticamente, tema/paciente, e categorialmente, DP. Além disso, deve checar caso acusativo morfológica ou estruturalmente.

Na seção seguinte, apresentam-se as estratégias de retomada de um DP na posição de objeto direto.

2. As estratégias de retomada do objeto direto

A variante **clítico acusativo** é pouco encontrada no vernáculo brasileiro. O estudo de Duarte (1986) sobre as estratégias de realização do objeto direto

anafórico no dialeto urbano de São Paulo comprova que os clíticos de terceira pessoa (*o/a*) resistem em contextos específicos: i) numa posição pós-verbal em orações infinitivas e gerundivas, e ii) em estruturas simples (SVO) com tempo simples, na fala de indivíduos mais escolarizados e em situação de maior formalidade. Já no dialeto rural do estado da Bahia, nem mesmo nos contextos sintáticos apontados por Duarte, essa variante ocorre, conforme Figueiredo (2004 e 2009).

Considerada padrão pela tradição gramatical, essa estratégia é comum no PE como atestam os estudos de (RAPOSO, 1986,2004).

Outra estratégia de coesão bastante comum é a retomada de antecedentes através do **uso de um DP**, como em (1-c), porém, na realização do objeto direto anafórico, a frequência dessa variante não é bastante significativa (OMENA, 1978, DUARTE 1986, FIGUEIREDO, 2004, 2009). Esse DP pode ser a repetição do DP anteriormente pronunciado, ou um DP anafórico. Segundo Duarte (1986), o uso de DP e o de pronome demonstrativo funcionam como estratégias de esquiva ao clítico, avaliado, pelos informantes, como pedante na fala, e ao pronome lexical, avaliado negativamente na escrita.

A retomada através do **objeto nulo** tem sido apresentada como um aspecto de parametrização entre o PB e o PE. Para Raposo (1986), enquanto o CL é o recurso utilizado na maioria dos contextos no PE, o ON não é licenciado livremente, devido a restrições sintáticas. Raposo (1986) defende que, em sentenças simples, como em (3), seriam possíveis tanto o CL quanto o ON, da mesma forma que no PB; enquanto, em ilhas, como em (4), o ON seria agramatical no PE, diferentemente do PB.

3.

- a. Joana viu-os na TV ontem. *ok* PE e PB
- b. Joana viu ___ na TV ontem. *ok* PE e PB

RAPOSO, 1986: 373)

4.

- a. Eu informei à polícia da possibilidade de o Manuel ter guardado ___ no cofre da sala de jantar. *PE e *ok* PB
- b. O rapaz que trouxe ___ mesmo agora da pastelaria era o teu afilhado. *PE e *ok* PB
- c. Que a IBM venda ___ a particulares surpreende-me. *PE e *ok* PB

(RAPOSO, 1986: 381-2)

No PB, o ON é mais frequente tanto no português urbano (DUARTE, 1986), quanto no português rural do estado da Bahia (FIGUEIREDO 2004, 2009). Diferentemente do PE, no PB, o ON não sofre restrições a ilhas sintáticas e é favorecido, principalmente, pelo traço semântico [-animado] do antecedente, tanto em estruturas simples como em estruturas complexas. Porém, não se deve considerar qualquer lacuna na posição de objeto direto como sendo uma ocorrência de ON.

5.

Luís prometeu entregar **os documentos** a seu pai, mas não entregou ____.

6.

Luís prometeu entregar **os documentos** a seu pai, mas entregou ____ à sua mãe.

7.

Joguei fora **o presente que você me deu** sem abrir ____.

8.

Aquela atriz **recusou um papel na novela das 8**, ela mesma me disse ____.

9.

Recomendaram **chá quente** para as crianças, mas eu dei ____ morno.

Na estrutura coordenada em (5), conforme Matos (2003), a lacuna verificada é uma ocorrência de elipse de VP, visto que a lacuna observada refere-se aos dois argumentos internos do verbo, além disso, verifica-se identidade entre o verbo da primeira e da segunda oração, o que licencia essa operação. Em (6), embora os verbos das orações coordenadas sejam idênticos, como em (5), a lacuna observada corresponde apenas ao DP acusativo, evidenciando que o VP não está elidido. É esse comportamento sintático que se assume como ocorrência de ON, conforme Cyrino (1997) para o português do Brasil, McShane (1999) para o russo e Giannakidou e Merchant (1997) para o grego³. Em (7), uma estrutura de encaixamento, há uma ocorrência de ON, os verbos são distintos. Por fim, em (8) e em (9), não se observa ocorrência de ON, visto que a porção

3 Embora esses autores considerem o ON como elipse, há diferentes propostas quanto ao que é elidido: o DP ou o NP. Sobre esta questão, ver Figueiredo (2009).

não realizada em (8) corresponde a um CP e em (9) ao sujeito de uma *small clause*. As características formais do ON consideradas neste trabalho estão resumidas em (10).

10.

Características formais do ON

I. Corresponde a uma categoria DP;

II. É selecionado na posição de argumento interno do verbo;

III. Possui papel de tema/paciente;

IV. Possui caso acusativo;

V. Exerce a função de objeto direto;

VI. Não é categórico, pode variar com clítico ou pronome lexical.

Embora considerada uma estratégia não padrão pela tradição gramatical, o **pronome forte**, na posição de objeto direto, tem se caracterizado como uma marca do PB⁴. O estudo sincrônico sobre o PB urbano de Duarte (1986) indica que, inversamente ao comportamento apresentado pelo clítico, essa variante é mais frequente entre os falantes mais jovens e a sua percentagem decresce à medida que a idade do falante aumenta. Para a autora, essa estratégia é favorecida pelo traço semântico [+animado] do antecedente, além da estrutura complexa da sentença⁵, contextos exemplificados pela autora e retomados a seguir.

11.

Esse carinha_i, ele_i morava umas duas três quadras acima, sabe? E todo mundo conhecia **ele**_i lá.

De maneira semelhante, no português rural afrobrasileiro (FIGUEIREDO, 2004), essa variante é observada na fala dos jovens, porém não é possível interpretar que esteja surgindo como estratégia de substituição do clítico de terceira pessoa, visto que, conforme seção 6.1.2 a seguir, os traços semânticos e referências do PF não são idênticos aos do CL.

4 Atualmente, essa é uma estratégia bastante comum em legendas de filmes.

5 Estruturas de *small clause*: *Eu não tenho nada pra reclamar dela não. Eu acho **ela** sensacional.* (Duarte, 1986:23), ou uma oração com verbo no infinitivo: *Ontem **ele** foi ao cardiologista. Eu já deixei **ele** ir ao cardiologista sozinho há muito tempo* (Duarte, 1986:24). Nessas sentenças, o pronome lexical é considerado um “objeto direto que funcionaria como sujeito” (Duarte, 1986:25).

Pode-se então concluir que, das possibilidades de retomada de um DP com função de objeto direto, estariam disponíveis as estratégias apresentadas em (12).

12.

Português europeu – CL, DP, ON com restrições

Português brasileiro – CL⁶, DP, ON, PF

Embora se reconheça que a estratégia DP esteja disponível nas duas variedades do português investigadas, neste trabalho, serão focalizadas apenas as seguintes estratégias: ON, PF e CL.

3. Metodologia

Neste trabalho, empreendeu-se uma investigação quantitativa dos dados de acordo com a metodologia de base estatística desenvolvida pela Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972; TAGLIAMONTE; 2006). Objetivou-se identificar os aspectos linguísticos e sociais que influenciam, condicionam ou restringem o uso das estratégias de objeto direto correferencial no PRB e os contextos linguísticos favorecedores dessas estratégias no PRE.

A coleta dos dados nos *corpora* levou em consideração as características relacionadas em (9), embora se refiram apenas ao ON. Assumiu-se essa postura, tendo em vista serem essas as condições de covariação estrita entre as variantes investigadas. Foram coletadas apenas ocorrências em que o CL e o PF compartilhassem com o ON suas características, embora a escolha do falante pelo ON ou pelas estratégias pronominais se constitua uma variação estrutural e não lexical⁷. Os dados, coletados e codificados foram submetidos ao pacote de programas VARBRUL, que realiza uma análise quantitativa de dados variáveis.

Para a investigação do fenômeno, foram fixadas dez variáveis independentes: estrutura sintática em que a variável dependente ocorre; estrutura do DP – referente; traço semântico do antecedente; aspecto verbal; tipo de determinante presente no DP antecedente; função sintática do antecedente; natureza do evento - telicidade; referencialidade; tempo verbal; quantidade de categorias adjacentes ao verbo: argumentos ou adjuntos. Porém, das dessas 10 variáveis, foram consideradas significativas apenas cinco para o PRB, e quatro

6 Em textos escritos e na fala de indivíduos com escolaridade máxima e, em situação de formalidade, como Averbug (2000).

7 ON é resultante de uma operação de eclipse e PF de pronominalização.

para o PRE. Foram também fixadas, variáveis extralinguísticas, tais como: comunidade, faixa etária, estada fora da comunidade e escolaridade. Somente os dados do PRB foram submetidos à quantificação dessas variáveis sociais, considerando a natureza da constituição dos *corpora*, conforme apresentados na seção seguinte.

4. O português rural do estado da Bahia

As amostras de fala do português rural utilizadas nesta pesquisa pertencem ao acervo do projeto *Vertentes do português popular do Estado da Bahia*⁸ (UFBA), coordenado pelo Prof. Dr. Dante Lucchesi e do qual faço parte como pesquisadora. Foram selecionadas amostras de fala de três comunidades rurais de dois municípios do Recôncavo Baiano, a saber: Sapé, comunidade rural formada essencialmente por indivíduos com ascendência africana; bem como a zona rural e a sede do município de Santo Antônio de Jesus. Foram analisados 12 inquéritos de cada uma das três comunidades, perfazendo um total de 36 inquéritos, distribuídos de acordo com o sexo, em 3 faixas etárias: faixa I, de 20 a 40 anos; faixa II, de 41 a 60; faixa III, mais de 60 anos, 2 níveis de escolaridade: escolarizado e não escolarizado, e de acordo com a sua permanência na comunidade. Dessas variáveis, duas foram consideradas relevantes, comunidade e faixa etária dos informantes.

A quantidade de ocorrências encontradas nos *corpora* do PRB pode ser vista na tabela a seguir.

Tabela 1 – Distribuição das estratégias de retomada do OD no PRB

	ON	PL	Total
Ocorrências	1123	124	1247
Frequência	90	10	100

8 Site: www.vertentes.ufba.br. Seu banco de dados é constituído por amostras de fala de comunidades rurais afrodescendentes (Helvécia, Cinzento, Rio de Contas e Sapé), de comunidades rurais etnicamente heterogêneas (Santo Antônio de Jesus e Poções) e por amostras de comunidades urbanas do município de Salvador (Liberdade, Plataforma, Lauro de Freitas, Itapuã). Os trabalhos realizados no âmbito desse projeto visam buscar vestígios do contato entre línguas ocorrido na formação do PB demonstrando que as peculiaridades do PB são devidas ao contexto sócio-histórico em que se formou o PB.

5. O português rural europeu

Nesta pesquisa, foram utilizadas as amostras de fala do Projeto *Cordial Sin* (*Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe*)⁹, *corpus* constituído pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, com objetivo de “*Estudar a sintaxe dos dialectos do português europeu no âmbito da sintaxe comparada*”, entre outros. Diferentemente, do *corpus* do PRB, elaborado de acordo com os pressupostos da Sociolinguística, o *Cordial-Sin* é de caráter dialectológico. Não se observa, portanto, a preocupação em controlar variáveis sociais, tais como, faixa etária, gênero e escolaridade, embora se registrem tais dados em alguns inquéritos. Para a pesquisa empreendida, foram selecionadas ocorrências de ON e pronome de seis comunidades, dentre as 42 disponíveis: duas do norte, Vila Praia de Âncora (VPA) e Castro Laboreiro (CTL), duas da região central, Porto de Vacas (PVC) e Vila Pouca do Campo (VPC), e duas do Sul de Portugal Porches (PAL) e Luzianes (LUZ). A seleção de comunidades pertencentes a regiões distintas objetivou apenas traçar um perfil amplo do português rural de Portugal.

Tabela 2 – Distribuição do CL e do ON no PRE

	ON	CL	Total
Ocorrências	202	221	423
Frequência	48	52	100

6. Análise dos dados

Nesta seção, são apresentados os resultados obtidos através da submissão dos dados ao pacote de programas VARBRUL. Serão apresentados, primeiramente, os números referentes ao PRB e, em seguida, os do PRE.

6.1 O português rural do estado da Bahia

Como dito anteriormente, na análise do PRB, foram fixadas dez variáveis linguísticas e três extralinguísticas com a finalidade de verificar se a variação observada no PRB consiste em um processo de mudança em curso no que se refere, principalmente, à retomada do objeto direto através do PF, um pronome nominativo. São apresentados, inicialmente, os resultados referentes às vari-

⁹ Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/226-corpus-syntax-oriented-corpus-of-portuguese-dialects-cordial-sin>

áveis linguísticas, a fim de construir a fotografia social do uso das estratégias de retomada no PRB.

Como sociais, foram fixadas quatro variáveis que podem fornecer informações acerca de um possível processo de mudança no PRB: faixa etária dos informantes, estada fora da comunidade, escolaridade e comunidade. A primeira variável considerada significativa pelo programa foi a variável comunidade. Esse resultado é relevante à medida que, na escolha das comunidades, foi levada em consideração a maior ou menor proximidade das comunidades com os centros urbanos: Sapé, comunidade rural afrodescendente, localizada bastante próxima ao município de Valença, por onde passam muitos turistas; SAR, comunidade rural; SAS, comunidade urbana, em que há um grande fluxo de indivíduos de diversas regiões do estado, inclusive da capital, Salvador.

A hipótese deste trabalho é a de que a variante PF esteja sendo introduzida recentemente no dialeto rural, principalmente pelo contato com comunidades urbanas, tendo visto que a hipótese de que a variante PF teria sido introduzida por um processo de transmissão linguística irregular e, por consequência, tenha se enfraquecido, conforme Figueiredo (2004). Nesse trabalho em que se investigou o fenômeno na fala de quatro comunidades rurais afrodescendentes, observou-se que a variante PF é mais frequente na fala dos mais jovens, um comportamento diferente do esperado. A distribuição das ocorrências de acordo com a comunidade pode ser vista na tabela a seguir.

Tabela 3 – A distribuição do ON e do PF nas comunidades PRB

Comunidades	Categoria Vazia			PF		
	Ocorr	%	P. Relativo	Ocorr	%	P. Relativo
Sapé	389	86	.38	64	14	.62
SAR	500	93	.62	37	7	.38
SAS	234	91	.46	23	9	.54
Total	1123	90	--	124	10	--

Nível de significância: .016

A retomada de um referente já mencionado no discurso pela variante PF é favorecida em Sapé, com peso relativo igual a .62, e desfavorecida em SAS, com .38. De forma inversa, o ON é favorecido em SAR e desfavorecido em Sapé, com .62 e .38 respectivamente. Os números da Tabela 3 revelam ainda um comportamento semelhante entre a sede (SAS) e Sapé, embora os pesos relativos referentes à SAS estejam muito próximos à média, o ON é desfavorecido com .46 e o PF é favorecido com .54.

O comportamento e a trajetória das variáveis nas comunidades pode ser melhor compreendido, ao olhar para a distribuição das variantes considerando a faixa etária dos informantes, uma variável selecionada como significativa pelo programa de quantificação, porém em nível distinto da seleção dos demais fatores (.016), com nível de significância igual a .033.

Tabela 4 – A distribuição do ON e do ELE segundo a faixa etária - PRB

Faixa etária	ON			PF		
	Ocorr	%	P. Relativo	Ocorr	%	P. Relativo
Faixa I	399/457	87	.42	58/457	13	.58
Faixa II	416/456	91	.53	40/456	9	.47
Faixa III	308/334	92	.58	26/334	8	.42
Total	1123/1247	90	--	124/1247	10	--

Nível de significância: .033

A leitura vertical dos pesos relativos, na Tabela 4, revela um padrão ascendente do PF da faixa III em direção a faixa I, .42, .48, 58; um dado indicador de que o uso dessa variante tem se implementado à medida que os anos avançam. A fim de evidenciar as particularidades de cada comunidade, cruzaram-se os dados desta variável (faixa etária) com os da variável comunidades, a fim de traçar um perfil de cada uma delas.

Tabela 5 – A distribuição ON /PF nas comunidades segundo a faixa etária - PRB

Comunidade		Faixa 1		Faixa 2		Faixa 3		Total	
		Ocor	%	Ocor	%	Ocor	%	Ocor	%
SAPÉ	ON	161	83	128	86	100	90	399	87
	PL	32	17	21	14	11	10	58	13
	Total	193	-	149	-	111	-	457	
SAR	ON	155	91	201	95	144	94	416	91
	ELE	16	9	11	5	10	6	40	9
	Total	171	-	212		154		456	
SAS	ON	83	89	87	92	64	93	308	92
	ELE	10	11	8	8	5	7	26	8
	Total	93	-	95	-	69	-	334	
TOTAL	ON	411	84	426	88	320	89	1123	90
	ELE	80	16	56	12	40	11	124	10
	Total	457		456		334		1247	

Os números da Tabela 4 apontam para a implementação do PF e, na Tabela 5, este comportamento é confirmado de maneira mais acentuada. Sapé apresenta um padrão ascendente de uso do ELE da faixa III para a faixa I, .10, .14, .17, respectivamente, um comportamento semelhante ao encontrado em SAS, mas não em SAR, embora, ao se considerar a faixa III e a I apenas, percebe-se um aumento nos percentuais na faixa I.

Do comportamento dos falantes em relação às variantes ON e ELE, segundo as variáveis sociais discutidas nesta seção, pode-se afirmar que:

- I. SAR e SAS comportam-se de maneira semelhante no que se refere ao condicionamento das variantes. Em ambas as comunidades, o ON é favorecido e o PF desfavorecido;
- II. Em Sapé, o ON é desfavorecido enquanto o PF é favorecido;
- III. SAS e Sapé apresentam um padrão de implementação do ELE mais evidente do que em SAR.

Na seção seguinte, são apresentados os resultados referentes às variáveis linguísticas e, sempre que necessário, são retomados os dados apresentados nesta seção.

6.1.2 As variáveis linguísticas

6.1.2.1 A função sintática do antecedente

A agramaticalidade de sequências como em (13), discutida em inúmeros trabalhos¹⁰, levou à investigação do papel da posição do antecedente na escolha que o falante faz entre a lacuna e a realização pronominal.

13. **João**_i disse que ninguém [beijou ____*_{i/j}].

(FARREL, 1987)

Em (13), como demonstram os índices de correferencialidade, a sequência é agramatical quando o ON retoma o sujeito da sentença matriz, mas é gramatical, caso o antecedente seja retomado na situação discursiva. Esse contraste de gramaticalidade não é percebido quando a retomada se dá através de uma estratégia pronominal.

10 Cf. Farrel (1987, 1990); Galves (1989, [2001]), Cyrino (1997), entre outros.

14. **João**_i disse que ninguém [beijou **ele**_{vj}].

Pesou também na fixação dessa variável, o fato de que, contrariamente ao exemplo em (13), o ON, com alguns tipos de verbos, pode ser licenciado quando antecedente se encontra na posição de sujeito como em (15).

15. **Esse prato**_i exige que o cozinheiro prepare _____i na mesa.

Muitas são as explicações para o contraste de gramaticalidade observada em (15). No que diz respeito ao licenciamento ON nos exemplos em (13) e em (15), deve-se considerar o papel temático, bem como a posição em que são gerados os antecedentes, porém, como o objetivo deste trabalho é apenas realizar uma comparação entre as comunidades de fala analisadas, não discutirei as diversas explicações para esses dados¹¹.

Foram fixadas, inicialmente, como fatores desta variável 10 posições: sujeito básico, gerado com argumento externo; sujeito de verbo inacusativo (derivado); sujeito de verbo copulativo¹²; objeto direto; objeto indireto; oblíquo; predicativo; genitivo; adjunto adverbial e tópico discursivo. A análise quantitativa dos dados revelou que alguns contextos eram categóricos, por exemplo, a retomada de um DP na posição de sujeito se dá apenas por uma estratégia fonologicamente realizada: estratégia pronominal, PF no PRB e do CL no PRE, ou repetição do DP. Comportamento semelhante foi observado quando o DP antecedente se encontra na posição de objeto indireto, de adjunto adnominal e de adjunto adverbial, como se pode ver nos exemplos a seguir.

16.

a. **Sujeito**

Aí, ela_i num queria **PRO**_i explicá, entregaro **ela**_i na secretaria.(SP-01)

11 Caso o leitor se interesse por essa discussão ver: Huang (1984), Farrel (1987, 1990); Galves (1989, [2001]), Cyrino (1997), Ferreira (2000), Bianchi e Figueiredo Silva (1994), Figueiredo (2009 e 2012), entre outros

12 Embora o sujeito de verbos copulativos seja derivado assim como o sujeito de verbos inacusativos, decidi separar as ocorrências em dois fatores distintos, considerando que a posição de onde são copiados esses sujeitos não é mesma. O sujeito de verbo inacusativo é copiado da posição de argumento interno, que é satisfeita apenas por este DP, enquanto o sujeito de verbo copulativo é copiado de dentro de uma *small clause*, que é selecionada pelo verbo como argumento interno. O DP copiado é um argumento externo do núcleo da *small clause*; sua relação com o verbo não é direta.

b. **objeto indireto**

Depois [ele já]... depois que ele (o filho) nasceu, assim uns três meses, ele_i num dava nada, depois que ele começô dá. Que eu disse a **ele_i** que **[ia botá ele_i]** na justiça. (SAR-04)

c. **Adjunto adnominal**

Rapai, eu tenho uma menina que o nome dela é Carol. A mãe **dela_i [botô ela_i]** na bolsa escola, aí fez... pá pegá o cartão dela... (SAS-03)

d. **Adjunto adverbial**

Não, na hora que a gente fô, eu vô inté ali **mais ela**, tem vez que eu **[levo ela]** inté ali onde eu desço. (SAS-07)

Dessa forma, desconsideraram-se esses fatores, visto que, no *corpus* investigado, são categóricos. Não foram encontradas ocorrências que retomassem um DP na posição de predicativo. A covariação estrita foi observada apenas nos contextos em que o antecedente do ON ou do PF foi gerado na posição de argumento interno do verbo e com papel temático de tema/paciente. O resultado da análise quantitativa pode ser visto na Tabela 6.

Tabela 6 – A distribuição das variantes segundo a posição do antecedente - PRB

Função sintática do antecedente	ON			PF		
	Ocorr	%	P.Relativo	Ocorr	%	P.Relativo
Suj v. copulativo	34/55	62	.12	21/55	38	.88
Sujeito derivado	91/120	76	.26	29	24	.74
Oblíquo	20/23	87	.43	3/23	13	.57
Tópico	66/72	92	.48	6	8	.52
Objeto direto	876/928	94	.57	52	6	.43
Total	1087/1195	91	--	111/1195	14	--

Nível de significância: .016

Como se vê na Tabela 6, considerando apenas os percentuais, o ON é a estratégia mais frequente no PRB. Quanto aos pesos relativos, observa-se que o PF é favorecido quando o antecedente se encontra nas duas posições de sujeito, com em (17), bem como na posição de complemento oblíquo, como em (18).

17.

a. **Marinaldo_i** é muntcho amigo, eu [conheço muntcho **ele_i]**, mai eu num cheguei trabaiá não. (SP-08)

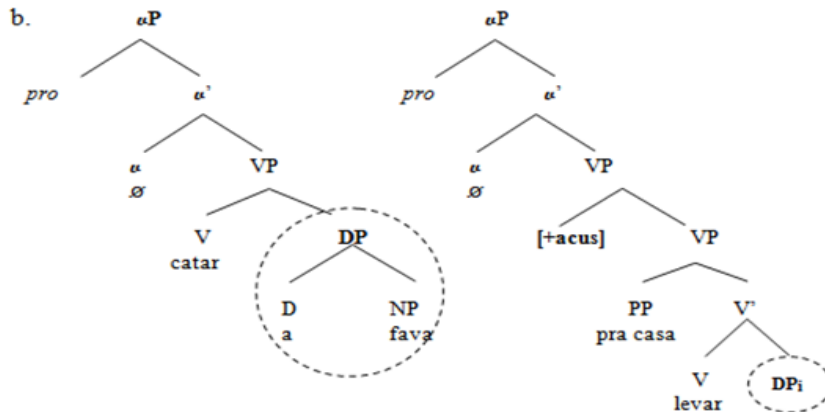
18.

Aí gostô **dela_i**, aí [dexô **ela_i**], dano oportunidade, que ela já sabia um pôco, já tinha colocado ela no corte, mas num sabia tudo, lutá com essas máquina nem nada. (SAS-08)

Chama a atenção na Tabela 6 o fato de antecedentes na posição de objeto direto, ou seja, de argumento interno do verbo, favorecerem o ON, um contexto quase categórico. A impossibilidade de retomada de um DP na posição de sujeito básico leva a propor que: i) um DP na posição de sujeito básico não está disponível como antecedente para retomada na posição de objeto direto, ii) em estruturas como em (15) não há ocorrência de ON; iii) a operação que licencia o ON é a elipse que requer identidade estrutural e temática entre o antecedente e o DP retomado, ou seja, só há ON quando seu antecedente for gerado numa posição de argumento interno, como demonstrado na representação a seguir¹³.

19.

a. [catei a fava_i], [levei _____i pra casa]



Na representação em (19b), O DP pronunciado (a fava) tem a sua estrutura interna projetada, enquanto o DP_i (*determiner phrase* identidade) é apenas uma projeção máxima, que não possui qualquer tipo de traço, apenas o índice de identidade. Sua interpretação depende da identidade que mantém com o antecedente: i) ter sido gerado em posição interna ao verbo e ii) ter papel temático tema/paciente.

13 Conforme Figueiredo, 2009 e 2012.

6.1.2.2 Traço semântico do antecedente

Diversos trabalhos sociolinguísticos e gerativistas sobre o PB (OMENA (1978), Duarte (1986), Cyrino (1997), Bianchi e Figueiredo Silva (B&FS, 1994); Ferreira (2000), Figueiredo (2004), entre outros), apontam ser o traço semântico um dos condicionamentos mais relevantes na escolha da estratégia de retomada de um DP já mencionado no discurso. De acordo com esses trabalhos, o traço [+animado] do antecedente favorece o uso da estratégia pronominal e, o traço [-animado], o ON. Exemplos como os oferecidos por Bianchi & Figueiredo Silva (1994), a seguir, reforçam a necessidade de se investigar o papel do traço de animacidade na escolha das estratégias de retomada.

20.

- a. Essa garrafa_i impede que as crianças abram _____i sozinhas.
b. *O José_i disse que a Maria gostaria de conhecer _____i.

Considerando as sequências em (20), parece que o contraste de gramaticalidade aponta para a importância do traço de animacidade no licenciamento do ON. Em (20a), o antecedente possui o traço [-animado] e a sentença é boa; já em (20b), como nos exemplos em (15b), o antecedente possui o traço [+animado] e a sequência é agramatical. Embora, em (20a), seja aplicada a operação de concordância entre o DP sujeito e o verbo, esse DP não possui o traço necessário para que possa ser o agente do evento expresso pelo verbo impedir. Esse DP não expressa volição, nem controle do processo, características necessárias para que um DP seja interpretado como agente, como ocorre em (20b)¹⁴.

Os resultados sobre o papel do traço de animacidade obtidos podem ser vistos na tabela a seguir.

Tabela 7 – O ON e o PF segundo o traço semântico do antecedente no PRB

Traço semântico	ON			PF		
	Ocorr	%	P.Relativo	Ocorr	%	P.Relativo
[+animado]	274/349	79	.30	75/349	21	.70
[-animado]	836/885	94	.58	49/885	6	.42
Total	1110/1234	90	--	124/1304	10	--

Nível de significância: .016

14 Para ler mais acerca dessa discussão, ver Figueiredo, 2009.

Como se vê na Tabela 7, estatisticamente, o ON é favorecido pelo traço [-animado] do antecedente, com peso relativo .58, e, ao contrário, o PF é favorecido pelo traço [+animado], com peso relativo .70. A tabela registra que o PF, embora seja desfavorecido, apresenta peso relativo (.42) próximo à média probabilística que é .50, em sentenças que retoma um DP com traço [-animado]. Esse comportamento revela que o PF, além do traço de nominativo, estaria perdendo, nas comunidades analisadas, traços que o identificariam como [+animado] ou até mesmo [+humano]. Os exemplos a seguir ilustram esse uso nas comunidades.

21.

- a. DOC: Você faz o que com o cacau, poda?
INF: É **o cacau**_i, a gente poda ____, [clona **ele**]_i, é aduba ____.(SAR-03)
- b. **Tarrafa**_i é um... um negócio grande de cordão. Aí, a gente [joga **ela**_i, den'd'água], aí ve... pega o pêxe. (SAR-07)
- c. antigamente, eu, a senhora podia pegá **um pedaço de toicinho**_p, [salgava **ele**]_p, botava lá, ele levava oito dia, quinze dia. (SAS-11)

Em (21), o PF retoma antecedentes com traço [-animado]. Em (21a-b), a retomada é de um DP com traço [+genérico], um traço que, segundo Figueiredo (2004), no dialeto rural afrobrasileiro, favorece o uso do ON. Esses resultados parecem apontar para uma mudança no estatuto do PF no PRB, ou seja, esses pronomens estariam se gramaticalizando, ou seja, perdendo os traços referentes a caso, podendo ocorrer em posições que checam caso acusativo.

6.1.2.3 Referencialidade

A motivação para o estabelecimento deste fator foi oferecida pelos resultados de Cyrino (1997), que revelam a importância do traço de especificidade do antecedente para a ampliação do ON mais livremente no PB. Segundo a autora, o ON com antecedente sentencial é possível no PB desde o século XVI e se expande nos séculos seguintes, inicialmente, em contextos em que o antecedente possui traço [+específico], atingindo, posteriormente, os antecedentes com traço [-específico]. Como se vê na Tabela 8, o traço [-específico], de acordo com o peso relativo, .80, favorece o ON de maneira inversa à trajetória que os estudos diacrônicos têm demonstrado.

Tabela 8 – As variantes segundo a referencialidade do antecedente - PRB

Comunidades	ON			PF		
	Ocorr	%	P.Relativo	Ocorr	%	P. Relativo
[+def, +esp ¹⁵]	294/366	80	.40	72/366	20	.60
[+def, -esp]	103/107	96	.83	4/107	.4	.14
[-def]	192/196	97	.73	4/196	3	.27
[+gen ¹⁶]	486/529	92	.37	43/529	8	.63
Total	1075/1198	90	--	123/1198	10	--

Nível de significância: .016

Observa-se, na Tabela 8, que os dois fatores que são marcados positivamente ([+gen], [+def, +esp]) desfavorecem o uso do ON: antecedentes genéricos, (22a-c), e referenciais (22d-f) com traços [+def, +esp.], com pesos relativos .37 e .40, respectivamente.

22.

- a. Lá a gente raspa a **mandioca**_i, depois [**rela** _____i] , depois [**bota** _____i] na prensa. (SP-03)
- b. **O cacau**_i... a gente...tira ele_i do pé. Aí [**parte ele**_i]... (SP-03)
- c. DOC.:Nem **vassôra de bruxa**_i dá?
INF: Ah, dá, aquilo num sempre dá num na roça de cacau, mas tem uma... um remédio aí que [combate **ela**_i]. (SAR-03)
- d. **O negão**_i chegô ali, *pro*_i pegô o filho de João, *pro*_i bateu. Aí, os menino correu atrás _____i pa [**pegá** _____i]. (SP-01)
- e. todo ano, tem de se usá o Vertimec (...) **ele**_i custa trezen'tantos reais aqui (...) Mas [a gente] [tem de usá **ele**_i], é o que 'limina, tem de usá. (SAR-05)

Em (22a-b), embora os DPs sejam encabeçados pelo artigo definido, a leitura que se faz deles é genérica e, nesse contexto, a escolha entre as duas estratégias de retomada é possível. O PF retoma inclusive um nome nu¹⁷, como em (22c).

15 O traço de especificidade diz respeito à possibilidade de localizar temporal e espacialmente um referente.

16 Utiliza-se [+genérico] em oposição à [+referencial]. Um DP [+genérico] possui leitura intensional; exprime a propriedade que o define como um elemento representante de uma determinada classe, como propõe Oliveira (1996). No PB, além dos nomes nus, DPs introduzidos por artigo definido permitem tal leitura, um recurso linguístico já apontado por Lyons (1977).

17 DP sem a realização do artigo.

Antecedentes com traço [+def, -esp] favorecem o ON com peso relativo igual .73 e licenciam a retomada de apenas 4 ocorrências do PF, correspondendo a 4%. Esses dados podem vistos nos exemplos em (23).

23.

- a. (o cacau limpo) passa _____i no liquidificadô, [**moi ele**]_i, fica aquele...aquela massa... depois a gente faz o chocolate. (SP-03)
- b. Quem é que é o **dôido que vai sair hoje**_i... hoje pá sê... virá lobisome aí na estrada? Nego [**mata ele**]_i logo na hora. (SAR-11)
- c. Tinha amizade, a gente conversava com **eles**_i [os bandidos], porque eu acho assim, se a gente é... maltratar uma pessoa dessa a gente só vai esperá o que deles? INF: Entendeu? Tem que [**vim tratano eles**]_i da maneira melhor possível. (SAS-04)
- d. (os políticos) eles não prestam atenção, não dão ‘portunidade pa aquelas pessoas. Acho que todo mundo tem de ter ‘portunidade. Aí, quando chega os tempo das política, **pro**_i bate nas porta. “Ah! Vô fazê isso pra vocês, vô melhorá, por que vocês precisa... a gente somo... Ó, eu sô que nem vocês.” Depois, você [procura **eles**]_i pra vê se você acha! (SAS-02)

Quando o antecedente é [-def], o peso relativo é igual a .67, favorecendo a escolha pelo ON. Novamente o PF aparece com uma quantidade bastante reduzida, são encontradas apenas quatro ocorrências, que estão relacionadas em (24).

18.

- a. ‘nda ontem mesmo eu tava aqui, chegô **um rapaz**_i p’eu [**levá ele**]_i aqui na... no... rapaz do liceu. (SP-12)
- b. A gente não tinha o dinheiro, ah... pá podê... fazê aquele trabalho, né? Aí, acho que fez um empréstimo, né? Fez um... porque ele tem **um irmão**_i que trabalha na carta brasileira, né? De celular. Aí, ele fez... [**Covidô ele**]_i fez uma reunião com o pessoal da comunidade, a maioria. (SAS-12)
- c. Tem, porque antigamente, eu... a senhora podia pegá um pedaço de toicinho_p, [**salgava ele**]_i, botava lá, ele levava oito dia, quinze dia. (SAS-11)
- d. quando você encontra **um pé de cravo**_p, mais... mais coisa pra você [**marrar ele**]_i. (SP-06)

Foram consideradas ainda significativas pelo programa de quantificação duas variáveis: estrutura do referente e tipo de determinante que encabeça o

DP. Porém, os resultados dessas variáveis servem apenas para confirmar os números referentes à variável referencialidade, não acrescentado nada novo à análise apresentada. Dessa forma, decidiu-se não apresentar seus resultados.

Na seção seguinte, são apresentados os dados referentes à análise do PRE, considerando as quatro estratégias consideradas significativas pelo programa VARB2000.

6.2 O português rural de Portugal

Nesta seção, faz-se uma descrição da análise quantitativa dos dados do PRE e compara-se aos do PRB apresentados na seção anterior. Como se viu na Tabela 2, foram computadas 423 ocorrências distribuídas entre as duas estratégias¹⁸, o CL, mais realizado, com 52% das ocorrências, e o ON, com 48% das ocorrências, uma diferença pouco significativa. Diferentemente no PRB, verifica-se que o ON é, sem dúvida, a estratégia preferida pelos falantes, com 90% das ocorrências, enquanto os falantes do PRE preferem o clítico, embora com uma diferença percentual bastante pequena entre as duas estratégias, 52% de CL e 48% de ON. Essa distribuição equilibrada entre ON e o CL que se vê na Tabela 2 aponta para duas questões: (i) essa distribuição é homogênea nas regiões analisadas? (ii) a escolha entre as duas estratégias sofre alguma restrição?

Para responder a primeira questão, apresenta-se a Tabela 9 com a distribuição das variantes de acordo com as regiões, norte, centro e sul, embora não se tenha o objetivo de investigar as diferenças dialetais do PE, essa quantificação serve apenas para demonstrar comportamento heterogêneo dos falantes. Não há aqui a pretensão de emitir generalizações acerca do comportamento dos falantes rurais de Portugal, visto que o número de ocorrências analisadas é pequeno para tal.

18 Foram encontradas apenas três ocorrências do ELE no PE: duas em construções com verbo sensitivo, como em (i):

- i. a. E daquela ovazita pequena é que nasce o choco. Portanto, aquilo gera. E a gente **vê ele gerar dentro**. (ALV)
 - b. Aquilo era um quintal, escondeu-se e vê a travessa, ele despir-se... Chamavam-lhe uma travessa, era onde é que deitavam o lixo antigamente. E aquilo era arrumado mesmo a Alvor. E a mãe **viu ele despir-se nu**. (ALV)
- e, uma em sentença simples, como em (ii):
- ii. Já há duas vezes que apanho aquele peixe. Apanhei **ele** quando era rapazinho e apanhei no outro dia, já o ano passado. (ALV)

Essas três ocorrências foram produzidas pelo mesmo informante.

Tabela 9 – Distribuição das variantes nas regiões portuguesas

Regiões	ON			CL		
	Ocorr	%	Peso Relativo	Ocorr	%	Peso Relativo
Norte	80/148	55	.72	68/148	45	.28
Central	25/143	17	.13	118/143	83	.87
Sul	96/130	74	.73	34/130	26	.27
Total	201/421	48	--	220/421	52	--

Nível de significância: .012

A leitura vertical da tabela permite concluir que, nas duas comunidades situadas nas extremidades de Portugal, o ON é a estratégia preferida com peso relativo igual a .72 na comunidade do norte do país, e .73 na do Sul. Na região central, o CL é o mais favorecido com peso relativo igual a .87. Quanto à segunda questão proposta, é respondida nas seções seguintes, em que são apresentados os resultados obtidos após a submissão dos dados ao programa de quantificação.

6.2.1 Os condicionamentos linguísticos

Da submissão dos dados do PRE ao VARBRUL, foram selecionados quatro contextos linguísticos como significativos na escolha entre o CL e o ON. Das quatro, três variáveis linguísticas, animacidade, posição do antecedente e referencialidade, foram também consideradas relevantes na análise quantitativa do PRB. Além dessas três, foi selecionada a variável referente ao número de elementos internos ou adjacentes ao verbo. Apresento nas seções seguintes os resultados da análise quantitativa, obedecendo à ordem de seleção do programa de cálculo probabilístico.

6.2.1.1 Referencialidade

Para o PRE, esta é uma variável bastante relevante, tendo em vista o comportamento quase categórico do CL quando o antecedente é [+def, +esp], com frequência igual a 93% e peso relativo, .94.

Tabela 10 – A distribuição das estratégias segundo a referencialidade no PRE

Referência	ON			CL		
	Ocorr	%	Peso Relativo	Ocorr	%	Peso Relativo
[+def, +esp]	3/44	7	.06	41/44	93	.94
[+def, -esp]	65/131	50	.53	66/131	50	..47
[-def] J/L	40/65	62	.50	25/65	38	.50
Massivo	11/22	50	.62	11/22	50	.38
[+genérico]	75/152	49	.65	77/152	51	.35
Total	194/414	47	--	220/414	53	--

Nível de significância: .012

Como se vê na tabela, o CL é estratégia preferida pelos falantes do PRE quando o antecedente possui maior referencialidade. Ocorrem apenas três casos de ON, que estão registrados em (25).

25.

- a. INF1 Meteu-o. Escondeu o cão. Fechou **o cão**_i.
INF2 [Meteu ____i na corte com o gado]. (CTL)
- b. Pegou **nos sapatinhos**_i – eles estavam dormindo – e [pôs ____i no mesmo sítio]. (LUZ)
- c. Há-de matar **o rio**_i. E se os senhores – eu não sei com quem é que estou falando – se o senhor amanhã ou o seu superior querer ir [ver ____i] eu digo onde é que é o rio... (VPC)

Comparando esse resultado com os do PRB, verifica-se que ON e PF variam nesse contexto, como os exemplos em (25) demonstram. Nas duas variedades do Português rural, a estratégia pronominal é favorecida, porém, no PRE, é quase categórica, com peso relativo igual a .94, e no PRB é favorecida com apenas .60 de peso relativo. A diferença entre o PRB e o PRE encontra-se na frequência de uso. Os números do PRB são: 80% de ON e 20% de PF, enquanto no PRE são 3% de ON e 97% CL.

Prosseguindo a leitura vertical da Tabela 10, observa-se que o ON é favorecido à medida que diminui a referencialidade dos DP, considerando o peso relativo. Os três últimos fatores, DP com leitura indefinida (26a), massiva (26b-c) e genérica (26d) favorecem o uso do ON, com peso relativo .50, .65, .62, respectivamente.

26.

- a. Outra vez lá o médico escreveu **uma cartinha**_i, [entregou _____i] lá aos urgentes, lá os da ambulância, outra vez a caminho do hospital [...] de Odemira. (LUZ)
- b. Fulano arranja **uma manchinha de sal virgem**_i, [mete _____i] ali dentro da bilha. (LUZ)
- c. Iam para dentro da lagariça, depois tinham **água quente**_i, [punham _____i] em riba da saca e o fulano lá em cima toca de patear aquilo. (LUZ)
- d. Depois andava aqui na pedreira apanhando **medronho**_i e [ia vender _____i] para o pomar. (LUZ)

No PRE, o preenchimento da posição de OD que retoma um DP já mencionado no discurso ocorre também quando o DP expressa leitura massiva, embora o clítico seja desfavorecido, com peso relativo igual a .35. No PRB, não houve uma só ocorrência do PF nesse contexto. Tanto no PRB quanto no PRE, ocorre variação quando o DP antecedente possui o traço [+genérico]; no PRE, o ON é a estratégia favorecida, com peso relativo igual a .62, já no PRB, dá-se um comportamento inverso, embora a frequência do ON seja maior, é o pronome favorecido com .63.

Da análise desse fator nas duas variedades do português, uma conclusão relevante pode ser apontada: no PRB, os fatores que só possuem traços positivos favorecem o uso do PF, enquanto no PRE, dois comportamentos são percebidos: (i) o favorecimento do CL quando correferente a um DP [+referencial]; (ii) o favorecimento do ON correferente a um DP com traço [+genérico]. Considerando esse comportamento, percebe-se que não há uma correspondência exata quanto à carga de referencialidade contida nas duas estratégias de preenchimento, o CL do PRE e o PF do PRB. O PF não parece ser a substituição do CL de terceira pessoa, que o PB só mantém na escrita, conforme propõem os trabalhos de Nunes (1993); Pagotto (1993), Cyrino (1994, 1997) entre outros. Na verdade, parece ser uma estratégia, cujos traços se assemelham ao do ON.

6.2.1.2 Animacidade

Quanto a esse traço semântico, no PRE, os resultados revelam números bastante semelhantes aos encontrados na análise do PRB. O CL, assim como o PF no PRB, é favorecido quando o traço do antecedente é [+animado], .71; e o ON é mais favorecido quando o traço do antecedente é [-animado], .56. No PRB, observando os mesmos aspectos, encontram-se os seguintes pesos relativos, .67 e .58 respectivamente.

Tabela 11 – A distribuição do ON e do CL segundo a animacidade – PRE

Traço semântico do antecedente	ON			CL		
	Ocorr	%	Peso Relativo	Ocorr	%	Peso Relativo
[+animado]	33/95	35	.29	62/95	65	.71
[-animado]	160/318	50	.57	158	50	.43
Total	193/413	47	--	220/413	53	--

Nível de significância: .012

Da comparação dos dados dessa tabela com os resultados PRB, verifica-se que, embora os pesos relativos revelem que o favorecimento das estratégias nas duas variedades do português sejam semelhantes (cf. Tabela 7¹⁹), os falantes do PRB optam pelo ON, seja para retomar um DP com traço [+animado], com 79% das ocorrências²⁰; seja com traço [-animado], com 96% das ocorrências. No PRE, há um equilíbrio na escolha das estratégias quando o DP antecedente possui o traço [-animado], 50% de ON e 50% de CL; quando o traço é [+animado], o CL é mais frequente com 65% das ocorrências contra 35% de ON.

6.2.1.3 Posição do antecedente

Para a interpretação do ON no PRB, essa variável foi a mais significativa, visto que a análise quantitativa revelou que o ON não é selecionado quando retoma um DP na posição de sujeito básico, sugerindo que a posição e o papel temático atribuído nesta posição estejam envolvidos em seu licenciamento. O mesmo comportamento foi observado no PRE, apontando para o fato de que

19 Antecedentes com traço [+animado] favorecem o uso do PF com peso relativo .70 e, com traço [-animado] favorecem o ON com .58.

20 Apesar de os pesos relativos serem mais significativos para identificar os fatores que favorecem o uso das estratégias, é difícil não atentar para a diferença que existe na distribuição das variantes segundo a frequência.

o estatuto do ON nas duas variedades do português investigadas é o mesmo, elipse do DP. Não houve ocorrência de retomada também de DPs da posição de ADN e de ADV.

Tabela 12 – A distribuição das variantes segundo a posição do antecedente - PRE

F. sintática do antecedente	ON			CL		
	Ocorr	%	P. Relativo	Ocorr	%	P. Relativo
Suj. derivado	25/51	48	.62	27/52	52	.38
Objeto direto	151/305	50	.50	154/305	50	.50
Obíquo	7/17	41	.28	10/17	59	.72
Predicativo	3/6	50	.51	3/6	50	.49
Tópico	6/12	50	.40	6/12	50	.60
Total	192/392	49	-	200/392	51	-

Nível de significância: .012

Como mostram os números da Tabela 12, a maior parte das ocorrências analisadas, 305, retoma um antecedente na posição de OD, e a distribuição das variantes é equilibrada, 50% de frequência e peso relativo igual a .50.

Quando o antecedente é um sujeito derivado, é favorecido ON, com peso relativo igual a .62, enquanto, no PRB, essa estratégia é desfavorecida com .28. Quanto aos antecedentes na posição de OBL, nas duas variedades do português rural, é favorecido o preenchimento da posição de OD, no PRE, com .72 e, no PRB, com .57. Quando o OD retomado não possui um DP próximo que sirva de antecedente e a correferência se dá a um tópico discursivo, é o ON a estratégia favorecida, com peso relativo igual a .60, de maneira semelhante ao PRB, embora, no PRB, o valor dos pesos relativos seja equilibrado .52 e .48 (PF e ON, respectivamente).

Os resultados alcançados com a quantificação deste fator no PRE reforçam a impossibilidade de um DP nas posições de SU²¹ servir de antecedente para a recuperação do conteúdo do ON.

6.2.1.4 Estrutura do VP

A motivação para fixar esta variável foi o fato de línguas tais como o espanhol de Quito (Suñer; Yopez, 1988) e o tcheco (McShane, 1999) sofrerem restrição quanto à escolha das estratégias de retomada quando o verbo seleciona outro argumento além do OD ou quando há uma categoria adjunta a ele.

21 Como Raposo (2004) já havia predito.

No PRB, essa variável não foi selecionada pelo programa quantificacional. Os resultados referentes ao PRE estão registrados na Tabela 13.

Tabela 13 - A distribuição das variáveis segundo a estrutura do VP – PRE

Estrutura de VP	ON			CL		
	Ocorr	%	P. Relativo	Ocorr	%	P. Relativo
1 argumento (OD)	127/303	42	.45	176/303	58	.55
2 arg. (OD+OI/CIRC)	10/19	53	.45	9/19	47	.55
2 arg. (OD+CIRC)	37/53	70	.75	16/53	30	.25
2 arg. (OD+ADJ)	20/40	50	.55	20/40	50	.45
Total	194/415	47	--	221/415	53	--

Nível de significância: .012

Embora no PRE este fator não tenha sido decisivo, observa-se que o ON é favorecido quando há um elemento circunstancial, selecionado como argumento pelo verbo, como em (27a), com peso relativo igual a .75; ou quando há um termo adjunto a VP, como em (27b), com .55 de peso relativo.

27.

a. INF1: *aquele vinha buscar **outro moitão**, [punha ____i além]. (LUZ)*
*eu apanhei **muita isca**,– [apanhei ____i de véspera] – e ao outro dia, lá vou eu e o meu rapaz. (VPA)*

Quando o verbo seleciona dois argumentos, um acusativo, OD, e outro dativo, OI, ou OBL, não é o ON a estratégia mais favorecida, mas o CL, como se vê na Tabela 13. O CL é favorecido com peso relativo igual a .55. O português rural afrobrasileiro apresenta um comportamento contrário, neste contexto, é o ON a estratégia favorecida, conforme Figueiredo (2004).

28.

a. INF: *Outra vez lá o médico escreveu **uma cartinha**, [entregou ____i lá aos urgentes], lá os da ambulância, outra vez a caminho do hospital [...] de Odemira. (LUZ)*

b. INF: ***Estas, aqui** são... [Comprei-**as**, a um sobrinho meu de Lisboa], é que nos as vendeu. ‘Vendeu-nos-**as**,’?! Deu-**mas**. (PVC)*

Quando apenas um argumento é requerido pelo verbo, o OD, é também o CL a estratégia mais favorecida, com .55 de peso relativo.

29.

INQ2: **Essas**_i devem ser muito bonitas...

INF: São. Muito grandes. E não há ordem de apanhá-**las**_i. Que ele é: “São muito ‘úteis’”! (ALV)

Da análise das variáveis analisadas, verifica-se que, em ambas as variedades do português, o ON é uma elipse de DP, licenciado pela da identidade sintática (argumento interno) e semântica (tema/paciente) e que as duas variantes contrastadas são condicionadas pelos mesmos grupos de fatores. A diferença consiste nos percentuais de frequência. No PRB, o ON é a variante mais requerida em qualquer contexto, enquanto no PRP, os percentuais de distribuição entre o CL e o ON é mais equilibrado.

6.2.2 *ON em ilhas*²² *no PRP*

Raposo (1986) afirma que o PE apresenta a possibilidade de ocorrência de ON cujo estatuto é uma variável por não ocorrer em ilhas sintáticas, embora em seu artigo de 2004²³, o autor reveja esta condição e aceite como marginais e não agramaticais sentenças que apresentam ON nesse contexto sintático. Mesmo considerando a mudança de postura de Raposo (2004), julgou-se interessante verificar se, no *corpus* do PRE, assim como no do PRB, o ON, elipse de DP, em contexto de ilha seria licenciado. A variável referente ao tipo de sentença em que ocorre a retomada não foi selecionada como relevante pelo programa quantificacional para nenhuma das duas variedades do português. No PRE, encontraram-se ocorrências ON em ilha adverbial e apenas 01 ocorrência em sentença completiva. No total, foram encontradas 29 ocorrências de retomada: 13 pelo ON, 12 pelo CL e 04 pelo DP.

Em *sentenças relativas*, a retomada se deu através das duas estratégias de preenchimento, seis de CL e quatro de DP²⁴. Os exemplos em (30) ilustram as realizações do CL.

22 Raposo (1986) considera ilhas para movimento as seguintes construções subordinadas: as relativas, as adverbiais e as completivas com função subjetiva e as completivas nominais.

23 Artigo intitulado: *Objectos nulos e CLLD: uma teoria unificada*.

24 Não apresento as ocorrências de retomada através do DP pelo fato de essa estratégia não ser o foco da pesquisa.

30.

- a. E depois agarravam então numas enxadas e começavam à ponta de cima, estrambalhando **aquilo**_i para esse sítio [**donde o_i tiraram**]. (LUZ)
- b. [**o linho**_i] Era um sedeiro [**a assedá-lo**_i]; e depois fiava-o; depois, ao fim de o fiar, a gente fazia na roca... (PVC)
- c. O carvão faziam-no. Sim, eu não o fazia, mas via-o_i em sítios [**onde o_i faziam**]. (PVC)
- d. Quem queria fazê-lo nas mãos, fazia-o_i nas mãos; e havia pessoas [**que os_i faziam num bocadinho de pano branco**], e apertavam, apertavam... (VPC)
- e. INF Ah, debaixo. Esses é os cogumelos.
INQ Veja lá o míscaro se se parece com mais, com algum desses? Não?
INF: Porque **ele**_i há uns mesmo que é o tipo disto, mas são... Como isso há pouca gente [**que os_i conheça**]. É que eles [...] são à cor de abóbora-menina. (VPC)
- f. Eu detesto aquelas pessoas que trabalham e não se lhe paga o valor delas. Detesto aquela pessoa que lhe fuja com **o valor**_i [**a quem o_i tem**]. (CTL)

No PRB, o ON ocorre em sentenças relativas e varia em contextos semelhantes com o PF, como ilustram os exemplos em (31-32)

31.

Convivemo quarenta e dois ano de casado. Aí, eu zelei **dele**_i até o dia [**que Deus madou buscá** _____i]. (SAS-12)

32.

DOC.:Nem **vassôra de bruxa**_i dá?

INF: Ah, dá, **aquilo**_i num sempre dá num na roça de cacau, mas tem uma... um remédio aí [**que combate ela**_i]. (SAR-03)

Em *sentenças subjetivas*, no *corpus* do PRE, foram encontradas apenas duas ocorrências realizadas por um CL, como em (33).

33.

- a. (sobre o Meixão, um tipo de fruto do mar)
[**Quem o_i compra muito**] é o espanhol²⁵. (VPA)

25 Contexto de pseudo-clivagem.

b. (sobre como fazer queijos)

Aquilo ficava assim de coiso, depois nós fazíamos-lhe o queijo_i... [**Quem queria fazê-lo nas mãos**], fazia-o nas mãos; e havia pessoas que os faziam num bocadinho de pano branco, e apertavam, apertavam... (VPC)

No PRB, em contextos semelhantes aos do PRE, foi mais frequente o uso do ON, como em (34), embora em duas das seis ocorrências, ocorra o preenchimento pelo PF, como em (35).

34.

a. DOC: E **Fábio**_i é registrado?

INF: É resistrado. [**Quem resistrô** _____i] fui eu.²⁶ (SP-01)

b. (sobre as mudas) mas também [**quem vai comprá** ____ vai tê uma garantia peque já vai levá uma muda de qualidade. (SP-05)

35.

a. (sobre Clemilda) Aí. .. ela_i é de lá do São Benedito, [quem criou ela_i] foi irmã dessa vó minha aí ó ... veio junto. (SAR-01)b. INF: **Manaíba**_i é de mandioca.

INF: Que a gente ... é preciso [**cortá ela**]_i, cortá manaíba ... ‘corta e dêxá enxugá o leite pá podê prantá. (SAR-11)

No PRE, foram encontradas apenas três ocorrências de retomada em orações *completivas nominais*. Nelas, observa-se apenas 1 ocorrência de ON, como em (36a) e 2 de CL, como em (36b-c).

36.

a. Se a **madeixa sedela**_i vem do estrangeiro por cento e cinquenta mil réis, qual é a razão [**de vender** _____i **a trezentos e trinta**]? (ALV)

26 Contexto de pseudo-clivagem.

- b. (sobre as garças-reais) INQ2 **Essas**²⁷_i devem ser muito bonitas...
INF São. Muito grandes. E não há ordem [**de apanhá-las**]_i. (ALV)
- c. E tinha um cão e o cão ia com **ele**_i. E depois a mãe não queria que fosse porque tinha medo [**a que o, comesse o lobo**]_i. (CTL)

A única ocorrência de ON dentro de um NP complexo distingue-se das demais pelo traço [-definido], um contexto em que a variação é licenciada como se vê Tabela 10. Em (36b), o CL retoma um antecedente [+genérico] e, em (36c), [+referencial, +definido]. São poucas as ocorrências nesse contexto, o que não permite estabelecer qualquer generalização. No PB, também são poucas as ocorrências de retomada nesse contexto sintático, apenas seis, quatro através do ON, o que impossibilita estabelecer uma comparação mais geral entre as duas variantes do português investigadas. Exemplos do PRB são apresentados em (37).

37.

- a. DOC: Tava reparano assim... várias... nas cidades, nas casas, nas roças assim já tem televisão, né?
INF: eu mesmo num tive [**condição de comprá** ____]_i. (SAR-02)
- b. Ói... em... em... por'quanto, inté agora qu'eu... que alguma coisa... pelo qu'eu ouvi falá e vejo, e acredito muito em **Lula**_i! Apesá que... eu num tive [**condições de conhecê ele**]_i, num fui no estado dele... (SAS-03)

Em *sentenças adverbiais*, no PRE, a variação é observada, ocorre tanto ON, como em (38), quanto CL, como em (39).

38.

- a. Há-de matar **o rio**_i. E se os senhores – eu não sei com quem é que estou falando – [**se o senhor amanhã ou o seu superior querer ir ver** ____]_i eu digo onde é que é o rio...(ALV)

27 Embora esse pronome possa ter leitura dêitica, na fala do informante possui apenas o papel de organizador textual, retoma o último tipo de ave mencionada no discurso, como se pode ver no trecho destacado do inquérito.

E há um passarinho, também no rio, que chama-se o ganso. O ganso é preto e branco. E há as garças-reais que vêm dessas ribeiras grandes, vêm fazer o período do tempo cá ao nosso rio a mariscar. Cinco, seis. É do tamanho de perus ou maiores. Não sei se já tem visto? É a garça-real que vem aí dessas ribeiras aí da monda do arroz, vem aqui... Tem a sua época, vêm a Alvor - este é o rio de Alvor - a apanhar marisco e comerem os caranguejos e outras várias coisas. (Alvor-N)

- b. Tirando isso, para ir a pesca, iscamos **as nossas artes**, [para ir lançar _____i **ao mar**], para ir à pesca, para apanhar peixe. (ALV)
- c. DOC: E os rapazes não costumavam oferecer à rapariga umas rocas todas enramadas?
INF1: Sim. E [...] o homem que era e o rapaz é que fazia **o fuso**, [para lhe dar _____i]. (CTL)
- d. E eu arranjei-lhe, então, **umas febras**, e disse-lhe: “Pronto, filhinha, vai. E olha, [enquanto eu tiver _____i], vem, que eu te arranjo. (E come) do que puderes”. (CTL)
- e. faziam um roleiro Pois. Quer dizer, “Vai além” – dou-lhe um bocado de terra [para ele fazer _____i], pois – “olha, lavra e faz e de sete molhos pagas-me um”! Já era assim. (LUZ)
- f. pois, também era uma burra –, ali assim para restolhar **os paus**, em cima [para a gente cortar _____i e tirar _____i à falca]. Tirávamos à falca. (LUZ)
- g. A sogra é que me dava... Uma vez prantou-me ele lá **uma teia**, [para mim urdir _____i], e nem sequer era para mim tecer, era lá para umas outras empregadas. E foi-se embora, quando ele voltou, eu tinha-a urdida. (LUZ)
- h. Apanha lavagantes como é o tamanho de camarões. Trazem _____i para a terra. Faz de conta, [se eu deito _____i **ao mar**], digo assim: “Oh, eu deito ao mar, outro não deita, também o vou levar. Aquele não deita, eu também o não deito”. (VPA)

39.

- a. Todas as árvores do campo eu gostava de pintar para prantar **o meu livro**, [quando eu o, publicar].(LUZ)
- b. Arrancavam as torgas e faziam ali assim uma poça grande na terra – uma poça muito grande –, e depois queimavam ali as torgas, e depois ao fim de se **elas**, apagamem... Botavam-lhe água [para **as**, apagar]. (PVC)
- c. O pai andava lá e a mãe, ali foi fino: agarrou **o menino**, para ele, [quando **o**, agarrou] já estava morto. (PVC)
- d. Ia, com licença de vossemecês, lá comprar **os porcos**, [para mor de **os**, matar], quando vinham cá os ‘manadeiros’. (PVC)

Como se pode observar, o ON no PRE não sofre restrições em sentenças adverbiais, um contexto considerado ilha para movimento. Sendo assim, não se pode dizer que o ON seja uma variável. No mesmo contexto, no PRB observa-se variação e a maior frequência é de ON da mesma forma que no PRE. Exemplos do PRB estão registrados em (40).

40.

- a. Sempre tem como transporte, né? Que nem **os menino que estuda**_i, né, já tem o transporte [**pra pegá** _____i], [**pra levá** _____i] na escola]? (SAR-02)
- b. **Cobra**_i, eu tenho medo. [**Se eu [vê** _____i], eu num mato, corro dela, dêxo ela lá. (SAR-04)

41.

- a. Aí **ele**_i ficou preso bastante tempo, [**quando sortaram ele**_i] depois dessa morte aí ele deu pa robá... JFN4
- b. Aí ele vai...**ele**_i cresce o dentinho...e a gente [**quondo vai cata ele**_i] a gente quebra um cachinho... JFN4

Nesta seção, objetivou-se verificar a possibilidade de ocorrência de ON em contextos de ilha para movimento no PRE. Observaram-se apenas 9 ocorrências de ON em contexto de ilha: 1 em sentença completiva nominal e 8 em sentença adverbial. Visto que o número de ocorrências não permite generalizações, pode-se considerar que os dados encontrados sejam um indício de que a revisão proposta por Raposo (2004) é bastante pertinente. Pode-se concluir ainda que, pelo menos no contexto de ilha adverbial, o ON não pode ser considerado uma variável.

Conclusão

Da comparação entre o PRE e o PRB, pode-se constatar, inicialmente, que as estratégias disponíveis para uma variedade não estão disponíveis para outra, o CL ocorre apenas no PRE e o PF, apenas no PRB. Verifica-se que, considerando a quantificação dos dados quanto à variável referencialidade e ao traço de animacidade do antecedente, CL e PF não possuem os mesmos traços e que, no PRB, o PF não é uma substituição de clítico em desuso. Verificou-se ainda que o ON está disponível para retomada tanto para o PRE quanto para o PRB, as diferenças observadas são percentuais, 48% e 90%, respectivamente, considerando o contexto linguísticos em que ocorrem.

Os resultados referentes ao fator referencialidade demonstram que, quando o antecedente é [+definido, +específico], no PRE, a variação não é bastante produtiva, 7% de ON e 93% de CL; já no PRB, o comportamento é inverso, ON é mais produtivo que a forma pronominal, PF, 80% e 20%, respectivamente. Chama a atenção também o fato de que antecedentes com o traço [+genérico]

favorecerem quase categoricamente o ON no PRB, e, no PRE, verifica-se um equilíbrio entre as duas variantes investigadas.

Quanto à restrição do ON em contextos de ilha, que, ao longo dos estudos sobre o estatuto do ON tanto foi utilizado para distinguir o PE do PB, não foi considerado um contexto relevante no licenciamento das variantes, devido à existência de contextos categóricos e à baixa ocorrência de retomada nesses contextos. No PRE, como se viu na seção anterior, só há uma ocorrência de ON em uma sentença completiva, o que pode não ser significativo, e oito em sentenças adverbiais. No PRB, embora nenhum contexto tenha se mostrado categórico, encontrou-se um número baixo de ocorrências, uma situação desfavorável à generalização. Considerando os resultados das Tabelas 06 e 12, em que se verifica impossibilidade de um DP na posição de sujeito básico ser antecedente do ON, verifica-se que, nas duas variedades, o ON possui o mesmo *status* sintático: elipse de DP, licenciada pela identidade sintática (argumento interno) e semântica (tema/paciente) que mantém com o antecedente.

Referências bibliográficas

- BIANCHI, V. E; FIGUEIREDO SILVA, M. C. On some properties of agreement-object in italian and brazilian portuguese. In: MAZZOLA, M. *Issues and theory in romance languages XXIII*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1994.
- CYRINO, S. M. L. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: UEL, 1997.
- DUARTE, M. E. L. *Varição e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 1986.
- FERREIRA, M. B. *Argumentos nulos em português brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2000.
- FIGUEIREDO, C. Objeto Nulo: Uma restrição temática. In: *Anais do XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste-GELNE*. Natal: UFRN, 2012.
- FIGUEIREDO, C. O Objeto direto anafórico: a categoria vazia e o pronome lexical. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I.. *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

- FIGUEIREDO, C. *O objeto nulo no português rural baiano*. Teoria temática e eclipse de DP. Tese de Douramento. Salvador: UFBA, 2009.
- FIGUEIREDO, C. *O objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2004.
- GALVES, C. O objeto nulo e as estruturas da sentença em português brasileiro. In: _____. *Ensaio sobre as gramáticas do Português*. Campinas: UNICAMP. 2001. p. 73-92.
- _____. Pronomes e categorias vazias em português do Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v.7. 1984. p. 107-136.
- GIANNAKIDOU, A; MERCHANT, J. On the interpretation of null indefinite objects in greek. In: *Studies in Greek Linguistics* 17. Tessaloniki: Aristotle University, 1997. p. 141-155.
- HUANG, C.T. J. On the determination and reference of empty pronouns. *Linguistic Inquiry*, v. 15: 1984. p. 531-574.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, W. *Principles of linguistics change: internal factors*. v. 1. Cambridge: Blacwel, 1994.
- LUCCHESI, D. O conceito de transmissão linguística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: Letras, 2003. p. 272-284.
- MATOS, G. Construções elípticas. In: MIRAMATEUS, M. H. et al. *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003. p.869-916.
- MATOS, G.; CYRINO, S. M. L. Eclipse de VP no português europeu e no português brasileiro. *Boletim da Associação Brasileiro de Linguística*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2001. v. 26. p. 386-390.
- MCSHANE, M. J. The ellipsis of accusative direct objects in russian, polish and czech. In: *Journal of Slavic linguistics* 7(1). Philadelphia: 1999. p.45-88.
- OMENA, N. P. *Pronome pessoal da terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa*. Dissertação de mestrado, PUC, Rio de Janeiro, 1978.
- RAPOSO, E. On the null object in european portuguese. In: JAEGGLI, O; SILVA-CORVALAN, C. *Studies in romance linguistics*. Dordrecht-Holland/Riverton: Foris publications, 1986.
- RAPOSO, E. Objectos nulos e CLLD: uma teoria unificada. *Revista da Abralín*. v. III. Maceió. 2004, p. 41-73.

SUÑER, M.; YEPEZ, M. Null definite objects in quiteño. *Linguistic Inquiry* 19, 1988. p. 511-519.

TAGLIAMONTE, S. A. *Analysing sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

Recebido em 15 de julho de 2014.

Aceito em 27 de agosto de 2014.